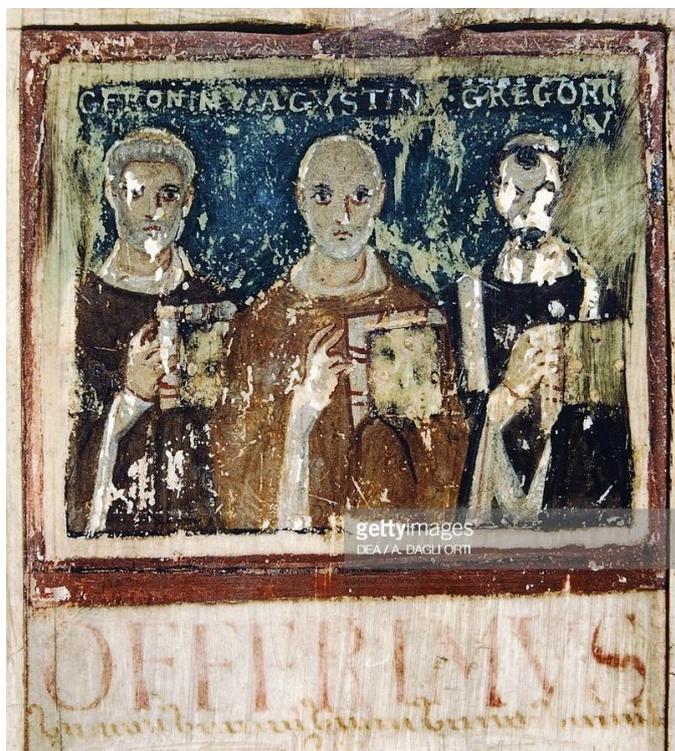


**SEÇÃO HOMENAGENS. Revista *VirtuaJus*. FMD. PUC Minas.
V. 6, n. 11, 2º semestre de 2021.**



Seção organizada por **Dimas Ferreira Lopes***

11º CICLO DE ENSINO, EAD, EGRESSOS, ACG E MONITORIA - EVENTO PREVISTO NO CALENDÁRIO DA FMD-COREU - DIA 02.10.2021 - HALL DO SEGUNDO ANDAR - PRÉDIO 05, DA FACULDADE MINEIRA DE DIREITO.

10:00 h - Projeto memória:

- ENTREGA DE CERTIFICADO DE MÉRITO DOCENTE PARA O PROFESSOR EDIMUR FERREIRA DE FARIA

Homenageadores:

Pela graduação do Curso de Direito, o Professor Júlio César dos Santos Esteves;
Pelo PPGD, o Professor Marciano Seabra de Godói.

- GALERIA DE PROFESSORES (desenhos produzidos pelo EGRESSO PEDRO HENRIQUE LEROY)

* Professor de Sociologia Jurídica, Hermenêutica e Argumentação jurídicas da Faculdade Mineira de Direito da PUC-Minas, Advogado, Doutor pela Universidade Complutense de Madrid (Dep. Filosofia do Direito, Moral e Política), Bacharel em Teologia e em Direito. E-mail: dimaslopes@pucminas.br.

Homenageados:

Professor Mário Lúcio Quintão Soares; saudado pelo Professor Marciano Seabra de Godói;

Professora Taísa Maria Macena de Lima; saudada pela Professora Maria de Fátima Freire de Sá.

1 APRESENTAÇÃO DO CICLO - PROFESSOR DIMAS FERREIRA LOPES

O “Projeto Memória” valoriza a história da FMD e da PUC Minas, celebrando fatos e homenageando personalidades envolvidas nos fatos celebrados.

No dia 8 de outubro de 2020, a FMD, com as presenças do Magnífico Reitor Professor Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães, do Diretor e da Coordenadora à época, Professores Guilherme Coelho Colen e Wilba Lúcia Maia Bernardes, inaugurou a galeria comemorativa do septuagésimo aniversário do início das aulas regulares, ocorrida em 13 de março de 1950.

Celebrou-se a destempo devido à pandemia viral do coronavírus. Na ocasião, em seu discurso, o Magnífico Reitor fez menções à pandemia e ao “Projeto Memória”, nestes termos:

“Na galeria estão retratados rostos descobertos. Aqui, usando máscaras, com nossos rostos parcialmente cobertos, nós somos desafiados a desvelar o rosto do outro, a reconhecer o rosto do outro pelo olhar. Então, realmente, experimentamos uma emoção diferente”.

(...)

“Para encerrar minha mensagem, gostaria de salientar a importância do ‘Projeto Memória’, desenvolvido pela Faculdade Mineira de Direito. Fazer memória nos coloca no presente da vida. A palavra “memória” é fundamental para esta compreensão. Lembrar alguém, lembrar um feito, um acontecimento, e dizer: “*Olhe lá! Quem fez? O que foi feito? Como fez?*”. Esta reação inspira as nossas ações. Por isso, o rosto de cada Professor homenageado está associado ao rosto de um patrono inspirador”.

E o então Diretor da FMD, Professor Guilherme Colen, em seu discurso sinalizou o acréscimo ao acervo:

“Nestes 70 anos, em fidelidade ao lema adotado LEX TUA VERITAS, a FMD da PUC Minas tem notável contribuição na educação das letras jurídicas. Na impossibilidade de homenagearmos, neste evento, todo o corpo docente, destacaremos 18 colegas Professores. Mas esta galeria continuará sendo enobrecida e em permanente construção. Iremos homenagear outros mais Professores com seus desenhos e respectivas inspirações teóricas nos próximos Ciclos”.

A par de uma particular homenagem ao PROFESSOR EDIMUR FERREIRA DE FARIA, que já integra a galeria, hoje estaremos entronizando os desenhos e respectivas inspirações teóricas dos caríssimos Professores Mário Lúcio Quintão Soares e Taísa Maria Macena de Lima.

A então Coordenadora - e hoje Diretora da FMD, Professora Wilba Lúcia Maia Bernardes - registrava a gratidão ao egresso, autor dos desenhos componentes da galeria. Fê-lo com as seguintes palavras:

“Agradeço ao egresso da FMD - Coração Eucarístico, Pedro Henrique Leroy, formado no final de 2019 - que muito gentilmente vem desenhando os rostos dos Professores e as inspirações teóricas de cada um deles, colaborando com o Projeto Memória”.

O Reitor também se referiu ao egresso:

“Feliz o artista que, com precisão, com a habilidade de suas mãos, foi capaz de colocar traços para caracterizar cada um deles. Conheço todos os homenageados e tenho apreço por eles”.

No evento de 8 de outubro de 2020, a Professora Wilba Lúcia Maia Bernardes destacou:

“A FMD promove um projeto intitulado ‘De volta pra Casa’, cujo objetivo é manter estreitos os laços com os ex-alunos da graduação”.

Na oportunidade, gostaria de salientar que as sucessivas gestões da FMD contemplam os egressos como parceiros institucionais, um relacionamento com a identidade da PUC Minas: uma Universidade com visão, missão, princípios e valores bem definidos, que, em cada programa de estudos, contempla uma formação ética apropriada à profissão para a qual o aluno se prepara.

A Revista VIRTUAJUS da FMD assegura espaço para egressos publicarem. Há uma seção intitulada “Artigos de discentes e egressos”. O egresso da FMD é o indicador da qualidade dos profissionais do Direito na sociedade. E como tal espelha a excelência, o gabarito de nossos diplomados para a cidadania e o exercício profissional.

2 PROFESSORA WILBA LÚCIA MAIA BERNARDES (Diretora da Faculdade Mineira de Direito)

Bom dia a todos!

É com muita alegria que estamos hoje, nesta manhã de sábado, proclamando e realizando evento que nos toca a alma e traz para a FMD a sua identidade. Sabemos da importância de alguns projetos que temos como modelo, exemplificando o Projeto Memória e De volta pra Casa. Registramos hoje a memória que traz o passado e nos leva ao futuro. Temos aqui presentes o Professor Mário Lúcio Quintão Soares, a Professora Taísa Maria Macena de Lima e o Professor Edimur Ferreira de Faria, homenageados nesta ocasião. Esta é a identidade da nossa casa. Esta é a identidade humanista que perfaz todo o nosso PDI, que é o Projeto Institucional da Universidade, assim como o Projeto Pedagógico do Curso. Então, temos uma honra imensa de poder festejar neste momento a alma, a essência e a identidade da Faculdade Mineira de Direito. Há um agradecimento muito específico a todos esses Professores que hoje estão sendo homenageados e que fazem com que os nossos egressos tenham destaque no mundo jurídico, no cenário nacional e no cenário internacional. Agradecemos enormemente a presença de vocês, sabendo que é assim que construímos nossa casa. Muito obrigada!

Passo a palavra à Professora Anne Shirley de Oliveira Rezende Martins, nossa Chefe de Departamento e Coordenadora do Curso de Direito no Coração Eucarístico.

3 PROFESSORA ANNE SHIRLEY DE OLIVEIRA REZENDE MARTINS (Chefe de Departamento e Coordenadora do Curso de Direito no Coração Eucarístico)

Bom dia a todos e a todas!

É com muita alegria que renovamos o Projeto Memória dentro da FMD, recebendo o Professor Mário Lúcio, a Professora Taísa e o Professor Edimur, para serem agraciados com as homenagens da nossa Faculdade Mineira de Direito. Como já dito pela Professora Wilba Lúcia Maia Bernardes e pelo Professor Dimas Ferreira Lopes, memória é lembrar, lembrar dos feitos que cada um trouxe à nossa Casa, o legado que aqui deixam e deixaram registrado no coração e no aprendizado de cada um que aqui esteve. Preservar história, nós sabemos, é fundamental para manter os valores e princípios desta Casa, que se baseiam em uma educação na justiça, na ética e na retidão. Não poderíamos deixar de lembrar também do humanismo que é destacado na PUC Minas, traço esse que foi marcante na caminhada de cada um de vocês nesta Casa.

Por isso gostaríamos, nesta manhã, iniciando nossas homenagens, de realizar a homenagem ao Professor Edimur Ferreira de Faria, por todo legado como Professor na Graduação e na Pós-graduação, por suas tarefas acadêmicas e administrativas. Por isso, Professor Edimur, nesta manhã foi aprovada, pelo Conselho Diretor da Faculdade Mineira de Direito, a entrega ao senhor de um Certificado de Mérito Docente. Convidamos o senhor, seus

familiares, os Professores aqui presentes, nossa Diretora, nossos colaboradores, Professores, alunos e amigos que nos acompanham pelo nosso canal oficial, a ouvirem as homenagens que lhe serão dirigidas.

Em nome dos Professores da Graduação, convidamos o Professor Júlio César dos Santos Esteves, para deixar algumas palavras ao nosso grande amigo. Em nome da Pós-graduação, o Professor Marciano Seabra de Godói, para que também possa transmitir todo nosso agradecimento pelas tarefas aqui desenvolvidas.

4 DISCURSO DO PROFESSOR JÚLIO CÉSAR DOS SANTOS ESTEVES

Prezadíssimos Professora Wilba Bernardes, Diretora da Faculdade Mineira de Direito, Professora Anne Shirley Martins, Sra. Chefe de Departamento, Professor Marciano Seabra de Godoi, Coordenador da Pós-Graduação, meus caríssimos amigos Professores Dimas Ferreira Lopes, Mário Lúcio Quintão, Maria de Lourdes Albertini, Taísa Macena de Lima. Senhoras e Senhores.

Meu queridíssimo amigo e mestre Professor Edimur Ferreira de Faria.

Foi com um misto de emoções que recebi o sempre amável convite do Professor Dimas para participar dessa homenagem inserida no Projeto Memória de nossa faculdade, fazendo uma saudação ao Professor Edimur em nome da graduação do curso de Direito, por ocasião de sua aposentadoria.

O temor é mais que fundado, visto que as palavras serão sempre insuficientes para demonstrar a gratidão, o respeito e o carinho que a comunidade acadêmica devota ao Professor Edimur.

Sem falar da pobreza de nossa oratória, qualquer dicção será igualmente limitada para esboçar a dimensão humana e profissional do homenageado.

Mas, para além do receio, o convite despertou em mim também muita alegria e, confesso, certa vaidade. Fiquei feliz e orgulhoso, Professor Edimur, em constatar que associam meu nome ao seu, que é reconhecida nossa ligação e amizade. E, certamente, não decorre isso apenas do fato de sermos antigos Professores dessa Casa, Professores que lecionam a mesma disciplina, o nosso acalentado Direito Administrativo. Por certo, na lembrança de meu nome, os Professores Wilba, Dimas, Anne Shirley consideraram o imenso carinho, a extrema admiração e que dedico ao Professor Edimur.

E a razão é bem conhecida, porque em toda oportunidade faço questão de anunciar: tenho o Professor Edimur como exemplo de vida, como modelo de Professor, de profissional do Direito, mas sobretudo como modelo de figura humana.

A trajetória de vida do Professor fala por si e é não só emocionante, mas edificante e inspiradora.

Edimur nasceu, em 1939, na Fazenda Cigano, fazenda do século XIX, cuja sede, ao lado de outras, como as das Fazendas Capoeira, Veredas, São Miguel, Marruás, ornaram o patrimônio histórico de Pompéu; a querida Pompéu para onde agora retorna o Professor, em claro resgate de suas raízes e de merecido descanso e tranquilidade.

Seus pais, José Ferreira de Faria e Inês Alves de Oliveira, trabalhavam na fazenda e moravam numa casa de pau a pique. Aos seis anos, o menino Edimur já trabalhava ajudando ao pai na enxada. Um pouco mais velho, veio a ser guia de boi. Deixando a fazenda, trabalhou na cidade de Pompéu, como garimpeiro, como servente de pedreiro, auxiliar de carpintaria.

Apesar da faina, necessária ao sobreviver, o menino nunca deixou de acalentar o desejo de estudar, algo que já iniciara na fazenda, quando sua mãe lhe apresentara o abecedário. É curioso que, após longa e rica jornada de estudos e formação profissional, que culminaram com o doutorado, esse episódio, o aprendizado do abc, integre a memória do Professor possivelmente como o mais vivo e significativo.

E foi assim, já calejado no trabalho, já encarregado de precoces responsabilidades, que Edimur entrou na escola em Pompéu para fazer o primário. Era, então, preciso vir para a Capital para cursar o científico. Formou-se técnico em contabilidade, despertando-se para o Direito, e foi assim que optou pelo curso no qual se graduou, em 1965, da Faculdade de Direito da então Universidade Católica de Minas Gerais.

Formado, o jovem advogado montou, com quatro colegas e amigos, um escritório que funcionou na Praça Sete, no Edifício Helena Passig. Advogou em diversas áreas do Direito, especializou-se em Direito de Empresa e fundou um instituto dedicado a esse ramo do Direito. Atuou em diversos órgãos públicos, destacando-se como chefe da Assessoria Jurídica da Secretaria da Administração do Estado de Minas. Advogou também com sua colega de magistério na PUC e amiga, Professora Cármen Lúcia Antunes Rocha. A experiência no serviço público fez com que fosse cooptado pelo Direito Público e especialmente pelo Direito Administrativo.

Sempre empenhado na busca do conhecimento e do aprimoramento, Edimur ingressou no mestrado na Faculdade de Direito da UFMG, que concluiu em 1986, e, em seguida, no doutorado, concluído, por sua vez, em 2001.

Passou a lecionar na PUC Minas em 1991. Nesta Casa de Lopes da Costa, indiscutivelmente sua *alma mater*, Edimur foi sempre um Professor incansável, entusiasmado e produtivo. Aqui lecionou na graduação e na pós-graduação, coordenou o curso de Direito na unidade de Contagem, integrou órgãos colegiados e exerceu vários postos e muitas missões de relevo, até galgar, com todo merecimento, o cargo de Diretor da Faculdade Mineira de Direito, que exerceu entre 2008 e 2011.

Disciplinado como poucos, o Professor estuda e produz incansavelmente, contribuindo para o enriquecimento do cenário jurídico do País. Entre seus muitos livros, destaco, por sua abrangência, o precioso Curso de Direito Administrativo Positivo, manual que já se inscreve entre os clássicos da matéria.

Sua contribuição na perquirição e desenvolvimento de temas como o controle da Administração Pública, o regime dos servidores públicos e o controle da discricionariedade administrativa colocam-no em posição de destaque na pesquisa e na literatura do Direito Administrativo.

O Professor aposenta-se agora, na condição de um dos grandes nomes do cenário contemporâneo do Direito Administrativo brasileiro. E o faz não como quem encerra uma atividade, mas como um recomeço, como uma nova etapa, porque estou certo, livre de tantos compromissos formais e horários limitativos, mercê dessa inexplicável energia, desse permanente entusiasmo, dessa curiosidade propulsante, o Professor vai continuar estudando, produzindo, criando, orientando e ensinando, como vem fazendo com apuro e denodo ao longo de décadas.

É para mim, Professor, motivo de muito júbilo ter acompanhado boa parte dessa trajetória. Além da faculdade, e sempre levados pelo Direito Administrativo, pudemos conviver em congressos, seminários, no nosso IMDA, do qual fomos presidentes. Tivemos a felicidade de nos formarmos sob o signo da Escola Paulo Neves de Carvalho, o mestre de todos, que tem nos seus discípulos seu maior legado.

Nessa caminhada, conhecemos, convivemos e mesmo nos tornamos amigos de grandes personalidades, alguns antes só conhecidos de livros, como Seabra Fagundes, Crettella Júnior, Caio Tácito, Diogo de Figueiredo, Carlos Pinto Coelho Motta, Diógenes Gasparini todos de saudosa memória. Temos ainda a chance e a alegria de conviver, privar e constantemente aprender com autores que admiramos, como Celso Antônio Bandeira de Melo e Maria Sylvia Zanella Di Pietro, José dos Santos Carvalho Filho, e com grandes Professores, que integram nosso círculo de amizade, a exemplo de José Fernandes Filho, Pedro Paulo de Almeida Dutra,

Vicente de Paula Mendes, Plínio Salgado, Maria Coeli Simões Pires, José Tarcízio de Almeida Melo, entre outros.

E vimos, em boa medida pela sua constante sementeira, surgir uma nova e brilhante geração de publicistas e administrativistas, gente produtiva, destemida, empreendedora e criativa.

Paralelamente a essa trajetória profissional, pude admirar o homem, o filho zeloso, que teve a dádiva de bem cuidar de pais longevos, o irmão amoroso, o esposo cuidadoso de sua Ana Augusta, o marido que muito antes da hoje preconizada divisão igualitária de tarefas já assumia, sem pejo, e mesmo com prazer, os afazeres domésticos. O pai extremoso, preocupado, presente na vida das filhas, Elisa e Fernanda, e do netos Eduardo, Gabriela e Isabella. Emocionou-me o depoimento tão terno e amoroso do Eduardo, que vi nascer, na aula aberta de despedida da Pós-Graduação.

Professor, seu exemplo repercute e tem a força de inspirar, de fazer crer, de perseverar. São tantas suas virtudes, quero ressaltar aqui duas delas que a mim sempre me encantaram, a simplicidade e a franqueza. A simplicidade e autenticidade de alguém cuja erudição nunca o afastou do menino de Pompéu, de alguém que, ocupando posições de mando, jamais se deixou deslumbrar, nunca teve um gesto de arrogância, jamais esqueceu e deixou de valorizar sua origem humilde e digna. É raro e prazeroso encontrar intelectuais de sucesso que resistem ao encastelamento, que não se perdem nos desvãos de uma pretensa glória.

Há ainda a franqueza. Disse Machado de Assis, nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que a franqueza é fácil para os defuntos, porque em vida “o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças, obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência”. Pois bem, sempre admirei e mesmo me surpreendi com a permanente franqueza e sinceridade do Professor Edimur. É de sua índole o compromisso com a verdade, ainda que isso não soe como o mais agradável, o mais lisonjeiro. O Professor nunca perseguiu o aplauso fácil, assumiu sempre, com destemor, sem hipocrisia, a posição de suas ideias e não as ideias ditadas pela posição que eventualmente ocupasse.

Professor, fico feliz em sabê-lo de volta a sua Pompéu. Seu retorno me remete à *Odisseia* de Homero, em que Ulisses volta a sua Ítaca depois de guerrear, de arrostar tantas dificuldades, transpor armadilhas, passar por muitas aventuras, sempre guiado por sua sabedoria, resiliência e perseverança.

A longa e intensa viagem de volta de Ulisses traz em si uma metáfora: nosso herói enfrenta inimigos cruéis, passa por sacrifícios, adversidades, também encontra ajuda e amizade nas muitas peripécias vividas, sempre conseguindo se safar pela astúcia e pelo desejo do retorno ao reino de origem, o retorno à sua verdade íntima.

O objetivo é voltar ao início da jornada, sem perder a essência, mas também trazendo a vivência da batalha, o conhecimento haurido no velejar, no caminhar, a experiência de quem conheceu e enfrentou o mundo. Lembra ainda uma crônica de Rubem Braga, que, voltando a sua Cachoeiro, se deita, na casa de seus pais já falecidos, no quarto em que dormia quando criança e sonha que ali ainda reside, para então se perguntar: onde posso morar senão em minha casa? Voltar à origem é nada mais do que recomeçar. E recomeçamos sempre.

Professor, essa e tantas homenagens que tem recebido não encerram uma despedida, algo que se revelaria incompatível com sua vitalidade e disposição. Acatamos seu direito ao descanso, mas, ainda com razão nesses tempos de tanta incerteza, seja pelo flagelo da pandemia, seja pelo desastre do obscurantismo no comando político do país, não podemos prescindir de sua sabedoria, de sua luz, do conforto de sua presença, de sua coragem. Então, como disse Drummond no poema *Mãos Dadas*: “não nos afastemos, não nos afastemos muito.”

Particularmente, seguirei necessitando de seus conselhos e de sua amizade. Boa sorte em sua nova jornada. Muito obrigado por tudo, Professor!

5 PRIMEIRO DISCURSO DO PROFESSOR MARCIANO SEABRA DE GODOI

É preciso abrir uma clareira na selva opressiva das tarefas e compromissos burocráticos do dia, da semana, do semestre, para mandar um recado ao meu amigo Edimur. O recado dispensaria câmeras, bits, e-mails, luzes piscantes, plataformas e quejandos. Nem recado propriamente dito deveria ser, e sim uma conversa solta na presença física do amigo. Mas os tempos são outros, os tempos e os modos, e os verbos, e os sujeitos – nada ocultos, mas quase indefiníveis. Sei que o Edimur agora respira o ar puro de Pompéu. “Perto de muita água, tudo é feliz”. O Edimur voltou, as águas também não de voltar – três marias, sete quedas, dois irmãos. Conversa vai, conversa vem e eu me desvio do rumo da prosa que imaginei para o recado. Que é somente de agradecimento. Agradecimento pelo tempo, pela vida que o meu amigo dedicou a esta universidade, especialmente a seus alunos e alunas. Depois de décadas de labuta diária, querido por todos, “cansado de tanta guerra, crescido de coração”, Edimur retirou-se com pés de lã, sem pompas, para sua Pompéu. Não espere de mim essas pompas, meu nada pomposo amigo. Mas espere um automóvel empoeirado chegando a Pompéu numa tarde qualquer, ávido de histórias ao pé de uma fogueira, na qual depois da terceira dose atiraremos solenemente os celulares, as agendas, as ansiedades e as angústias. E esperamos a noite virar dia sem medo de nada, contando somente com os amigos. Para o que der e vier.

6 SEGUNDO DISCURSO DO PROFESSOR MARCIANO SEABRA DE GODOI

Professora Wilba Lúcia Maia Bernardes, Diretora da Faculdade Mineira de Direito.
Professora Anne Shirley Martins, chefe do Departamento de Direito.

Queridos Professores e Professoras, alunos e alunas da Faculdade Mineira de Direito em seus cursos de graduação e pós-graduação.

Nosso homenageado de hoje, o Professor Mário Lúcio Quintão Soares, nasceu na cidade mineira de Ibiraci e graduou-se em Direito em 1977 na Casa de Afonso Pena (UFMG).

Estudar direito nesta quadra histórica tinha um quê de idealismo, exigia uma boa dose de vocação. Certamente não era a escolha economicamente mais promissora, nem a que apresentava maior status social. A época dos concursos no poder judiciário, no ministério público com vencimentos nababescos veio depois, muito depois. A década de 70 era a época dos engenheiros, e os juízes apitavam só nos estádios de futebol, lotados de torcedores fanáticos pelo Atlético de Reinaldo ou pelo Cruzeiro de Joãozinho.

Mário Lúcio ingressou no mestrado em 1988, numa época em que havia poucos, muito poucos programas de pós-graduação *stricto sensu* em direito no Brasil. Finalizado o mestrado em 1995, titulou-se doutor em Direito três anos depois, em 1998, ambos os títulos pela Universidade Federal de Minas Gerais e ambas as pesquisas na área do direito constitucional, orientadas pelo Professor José Alfredo de Oliveira Baracho.

Também data de 1988 o ingresso de nosso homenageado nos quadros da Faculdade Mineira de Direito, o que faz dele, atualmente, um dos decanos de nossa Faculdade. Onze anos depois, em 1999, ingressou no Programa de Pós-graduação em Direito, que havia sido inaugurado dois anos antes, em 1997.

Foi nos corredores da Faculdade Mineira de Direito que conheci Mário Lúcio, com sua presença marcante, bem-humorada, voz impostada, forte empatia social, fina inteligência emocional. Como membros do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Direito, Mário Lúcio e eu tivemos oportunidade de fazer algumas viagens a trabalho juntos. Lembro-me com muito gosto de uma viagem a Brasília para uma efeméride da Capes, com direito a solenidade no Palácio do Planalto, numa época em seus ocupantes ainda tinham decência. E de uma viagem ao sul do Brasil, onde nos reunimos com autoridades das agências governamentais do setor educacional. Grande companheiro de viagem e de reuniões de Colegiado o Mário Lúcio: arguto

observador, espirituoso e espiritual, hábil estrategista e negociador de consensos. Muitas dessas características certamente foram desenvolvidas e aperfeiçoadas por nosso homenageado na sua longa carreira como dirigente regional e nacional da Ordem dos Advogados do Brasil.

Não me surpreendeu que o homenageado de nosso homenageado haja sido o Professor da Universidade de Coimbra José Joaquim Gomes Canotilho. Não se trata somente de dois autores da mesma área de concentração e pesquisa (teoria da constituição, direito constitucional). Tanto Canotilho quanto Mário Lúcio são homens proclives ideologicamente aos valores da esquerda, que acompanharam, já como juristas formados, processos de redemocratização em seus respectivos países. A obra-mestra do mestre de Coimbra – *Constituição Dirigente e Vinculação do Legislador* – é uma tese de doutorado que teve a grave e difícil missão de dar bases teóricas e dogmaticamente sólidas a uma interpretação da Constituição Portuguesa de 1976 que fosse fiel a seus desígnios socialmente transformadores, e que a protegesse das reações retrógradas advindas dos setores tradicionais da sociedade e da academia portuguesa.

Que a mesma fibra, a mesma sensibilidade e a mesma inteligência que demonstrou o Professor Canotilho na defesa da então nova ordem constitucional portuguesa possam acompanhar nosso homenageado e a todos nós nessa quadra histórica política tenebrosa que atravessamos no Brasil de hoje.

Nesta correnteza de rio, forte e traiçoeira, em que criaturas monstruosas saídas de uma longa noite autoritária que se julgava finda voltam com forças renovadas para semear vento e adernar com violência a embarcação constitucional, a coragem e o engenho de nosso homenageado hão de nos valer, hão de nos animar e proteger como as carrancas que saem das mãos dos artistas de Pirapora para navegar nas águas do São Francisco.

Muito obrigado.

7 DISCURSO DA PROFESSORA MARIA DE FÁTIMA FREIRE DE SÁ

O Colegiado da Faculdade Mineira de Direito me concedeu o privilégio de dirigir algumas palavras à nossa querida Professora Taísa Maria Macena de Lima, o que me deixa cheia de alegria pela oportunidade de render a você, Taísa, esta justa e merecida homenagem.

Esse é o momento de rememorar você e suas aulas. Aqui, na Casa de Lopes da Costa, você é nossa grande civilista, cujo profundo conhecimento e densidade intelectual inspiram todos os seus alunos – da graduação, do mestrado e do doutorado – a conhecer a profundidade das lições do grande jurista Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda.

O célebre Tratado de Direito Privado, em 60 volumes, concluído em 1970, escrito por um cidadão de Maceió, é, em parte, apresentado aos alunos da FMD por uma outra maceioense. Eu, que tive o orgulho de ser sua aluna e primeira orientanda de mestrado no Programa de Pós-graduação em Direito da PUC, absorvi suas lições. Em seu texto, “Os planos do mundo jurídico e a teoria das nulidades” você escreveu:

“O nexó entre fato e norma jurídica é observável mediante dois fenômenos: o da nomogênese e o da juridicização. A passagem do meramente factual para o jurídico dá-se com a nomogênese, partindo-se da constatação de que determinado fato natural ou ato humano, por sua repercussão na comunidade, deve ser coibido, incentivado ou simplesmente autorizado. [...] O fenômeno da juridicização é lógica e cronologicamente posterior ao da nomogênese. Juridicizar significa tornar jurídico, implicando, assim, a entrada de certo evento (fato natural ou conduta do ser humano) no mundo jurídico. O evento somente entra no mundo jurídico quando preexiste norma que o discipline. A juridicização assinala a existência do fato no mundo jurídico, ainda que esse implique violação de norma positivada. Desse modo, mesmo o homicídio qualificado é fato jurídico em sentido amplo. A humanidade teve que muito caminhar até livrar-se da visão primitiva maniqueísta e aceitar o que hoje parece óbvio: a licitude e

ilicitude integram a experiência jurídica. Nesse contexto, o adjetivo jurídico qualifica tudo o que é disciplinado pelo Direito e não apenas a conduta tolerada ou imposta pela norma (conduta lícita).” (LIMA, T. M. M. p. 209).

Você ensinou e ensina a necessidade de o Direito Civil ser estudado com o rigor necessário de conceitos e estruturas claras, mas suficientemente aberto à realidade humana. Todos aprendemos com você que a Escala Ponteano é fundamento para o estudo da Parte Geral nos planos de existência, validade e eficácia. Como escreveu Pontes de Miranda:

“O fato jurídico, primeiro, é; se é, e somente se é, pode ser *válido, nulo, anulável, rescindível, resolúvel*, etc.; se é, e somente se é, pode irradiar efeitos, posto que haja fatos jurídicos que não os irradiam, ou ainda não os irradiam.” (PONTES DE MIRANDA, prefácio, Tomo I).

Mas muitos podem não saber que o grande Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, além de advogado, jurista, Professor e diplomata foi, também, ensaísta. Portanto, homem de espírito múltiplo. Claro está que sua bibliografia jurídica é a mais numerosa. No entanto, o sexto ocupante da cadeira de número sete da Academia Brasileira de Letras escreveu sobre democracia, liberdade, humanismo, antitotalitarismo, visão poética, inspiração filosófica, preocupação ética.

Seu espírito, Taísa, é múltiplo. Você transita entre o “ser” e o “ter”, entre o direito existencial e o direito patrimonial com a mesma sensibilidade. Você está aberta às novas visões de mundo, aos novos microssistemas jurídicos que surgem a partir de novas aberturas semânticas.

A homenageada é desembargadora do Trabalho da Terceira Região; Pontes de Miranda exerceu o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal até 1939. A homenageada é, para nosso orgulho, Professora da PUC Minas desde 1989, ano em que retornou da Alemanha após período de estudo para seu doutoramento pela UFMG; Pontes de Miranda foi Professor da Universidade Nacional, da Universidade do Recife e de outras. Quantas semelhanças...

Mas quero agora falar dos contornos humanos da nossa querida Taísa. Acho que posso chamar de *ambivalência positiva*. A juíza e desembargadora, firme, íntegra, que busca coerência em seus julgados é, ao mesmo tempo, terna e acolhedora. Sua simplicidade é diretamente proporcional à sua competência; e a disposição para o diálogo a faz empática.

A Taísa é divertida e espirituosa. Só ela abre as solenidades de defesas de seus orientandos dando as boas-vindas à “festa da intelectualidade” e, ao mesmo tempo, diz que é chegado o momento de “imolar o cordeiro”. Inteligente, inaugura o rol de perguntas dizendo não saber bem a diferença entre “um ato de loucura e um ato de bravura.” (risos).

Essa é a nossa Taísa. Quem a conhece não esquece jamais! Termina essa pequena fala com algumas palavras do autor que a inspirou em sua carreira jurídica:

(...)
Vê o infinito
do gesto bom
e
sem causas finais,
o gesto que brilha
como o Sol.
Vê a órbita dos planetas
e dos elétrons invisíveis.
Se quiseres, se puderes, vê Deus.
Mas nunca, nunca desprendas os teus olhos
da Beleza

inatingível.
(VIAGEM. PONTES DE MIRANDA)

8 PROFESSOR DIMAS FERREIRA LOPES

Agradeço a colaboração de todos para a realização deste Ciclo: minha gratidão ao egresso Pedro Henrique Leroy - que vem realizando os desenhos desta galeria - a Professora Maria de Lourdes Albertini, Coordenadora de Eventos, ao pessoal da Secretaria da FMD, aos quais distingo na pessoa de Maria Aparecida Ribeiro.

Passo as mãos da Diretora, Professora Wilba Lúcia Maia Bernardes, e da Coordenadora, Anne Shirley de Oliveira Rezende, os originais dos desenhos dos Professores Mário Lúcio Quintão Soares e Taísa Maria Macena de Lima, para entregá-los aos homenageados.

Peço permissão à Diretora, Professora Wilba Lúcia Maia Bernardes, para entregar os originais dos desenhos dos Professores Edimur Ferreira de Faria e Anne Shirley de Oliveira Rezende.

9 PROFESSORA WILBA LÚCIA MAIA BERNARDES

Encerrando as atividades desta manhã, reiteramos que temos o mesmo pano de fundo que envolve os nossos nomes, a nossa filosofia, o nosso ideal democrático: a tentativa de sempre promovermos a dignidade da pessoa humana. Precisamos fazer um registro especial, além de agradecer a presença dos homenageados desta manhã, Professor Edimur Ferreira de Faria, Professora Taísa Maria Macena de Lima, Professor Mário Lúcio Quintão Soares, ao Professor Dimas Ferreira Lopes, que é coordenador desse evento e que vem abrilhantando a FMD com seu trabalho, sua dedicação como um Coordenador de área, no que se refere ao ensino e a todas as nossas atividades ligadas à identidade da FMD. Muito obrigada, Professor Dimas. Queria também registrar o agradecimento muito específico à nossa Professora Maria de Lourdes Monteiro Albertini, que é a Coordenadora de eventos e que tornou viável, com toda sua dedicação, todo seu empenho, este evento com a qualidade que tivemos esta manhã. Então, muito obrigada, Professora Maria de Lourdes. Gostaria também de registrar aqui que este evento só existe com a dedicação e o empenho da Professora que é hoje a Coordenadora do Curso, Professora Anne Shirley de Oliveira Rezende Martins, que é também a nossa Chefe do Departamento. Nós sabemos das inúmeras atribuições que essas duas funções acabam demandando, então Professora Anne, pelo seu empenho na Casa de Lopes da Costa, muito obrigada. E registrar também o agradecimento, não menos importante, ao nosso técnico Vitor Rocha Souto, que temos hoje aqui nos acompanhando, muito obrigada, seu suporte tornou este evento possível. Agradecer a todos os funcionários da nossa Secretaria, que nos dão o apoio necessário, sem esses funcionários nós não estaríamos, de alguma forma, superando essa pandemia. Assim, registro aqui a presença de alguns: Júlio César da Silva Prado, Mary Ângela Côrtes, mas em especial, eu gostaria muito de registrar aqui um agradecimento a nossa funcionária Cida - Maria Aparecida Ribeiro de F. Figueiredo, que encampa este Ciclo com todo seu empenho. Registro também o agradecimento aos familiares que estão aqui presentes, ressaltando que em razão da pandemia tivemos menos possibilidade fazer com que todos participassem presencialmente, mas temos aqui hoje a esposa do Professor Mário Lúcio e sua filha, que será futura filha da PUC, assim esperamos. Podemos dizer que, nesta manhã, como a Professora Taísa afirmou, tivemos a festa da inteligência, a festa da alma da FMD. Ao final registramos aqui, na visão e nas palavras do Papa Francisco, e isso foi reafirmado esta manhã, a necessidade, segundo suas encíclicas e seus ensinamentos, em especial a última encíclica, *Fratelli Tutti*, de termos, e este é o compromisso da Faculdade Mineira de Direito, teto, terra e trabalho. Essa tríade é necessária para que possamos ter um Estado Democrático de Direito,

uma sociedade livre e igualitária. Fechamos com a alegria de tê-los aqui e de podermos homenageá-los.

Esperamos agora, no próximo Ciclo, Professor Dimas, homenagear mais Professores, mais pessoas que identificam o ideal da Faculdade Mineira de Direito. Registro ainda o agradecimento final àqueles que proferiram as homenagens, Professor Marciano Seabra de Godói, Professora Maria de Fátima Freire de Sá e Professor Júlio César dos Santos Esteves.

Declaro encerrado e evento desta manhã.

